

RUMOS DA ANTROPOLOGIA NO BRASIL E NO MUNDO: GEOPOLÍTICAS DISCIPLINARES

SCOTT, Parry; CAMPOS, Roberta Bivar; PEREIRA, Fabiana. *Rumos da Antropologia no Brasil e no Mundo: geopolíticas disciplinares*. Recife: EDUFPE, 2014, 218 p.

POR

AMURABI OLIVEIRA¹

A antropologia brasileira tem como uma das marcas em seu processo de institucionalização e desenvolvimento a realização de um contínuo esforço autorreflexivo, como é possível verificar através da publicação de alguns trabalhos significativos nesta discussão (RAMOS, 2015 [1948]; PEIRANO, 1981; RUBIM, 1996; OLIVEIRA, 2003; TRAJANO FILHO, RIBEIRO, 2004; FELDMAN-BIANO, 2013). Na esteira deste debate a publicação de *Rumos da Antropologia no Brasil e no Mundo: geopolíticas disciplinares* traz uma contribuição substancial, através de seu caráter profundamente polifônico.

A coletânea origina-se a partir do seminário *Dialogando sobre os Rumos da Antropologia Brasileira*, realizado em Recife em 2012. Todavia, importante inseri-la também num debate mais amplo, considerando tanto o crescente interesse pelas chamadas “antropologias mundiais” (RIBEIRO, ESCOBAR, 2012), quanto o próprio processo de internacionalização da antropologia brasileira.

Importante notar que as reflexões que têm surgido em período mais recente acerca das ciências sociais em geral, e da antropologia em particular,

1 Doutor em Sociologia (UFPE) e professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil. Email: amurabi_cs@hotmail.com.

passam a questionar cada vez mais uma visão estreita de tais ciências, situada geograficamente, demandando um olhar mais plural sobre estas. Este exercício acaba sendo encarado e realizado por este conjunto de textos de diferentes maneiras.

“A história que me orienta” de Mariza Peirano abre a coletânea, questionando pontos que nos parecem autoevidentes por vezes, como a própria designação da disciplina, que precisaria ser colocada sob exame. Esse seu questionamento não a afasta da defesa da disciplina, assim como da etnografia, que se realiza situando o processo de construção do conhecimento antropológico nos diversos contextos nacionais, a relação entre a antropologia e a nação é o grande mote e contribuição do texto.

Josefa Salete Barbosa Cavalcanti, por sua vez, em “Do campo e lugar da antropologia no contexto global” levanta a seguinte questão: “Qual o lugar da Antropologia na produção do conhecimento no país e no contexto global?” (p. 37). Ela articula sua trajetória como pesquisadora com as transformações vivenciadas na antropologia, especialmente no Brasil. Problematiza com isso as relações entre instituições do Norte e do Sul ante a globalização, suas consequências e desdobramentos, pensando também as associações entre elas.

“A geopolítica da antropologia no Brasil, ou como a província é submetida ao leito de Procusto” de Mísia Lins Reesink e Roberta Bivar Carneiro Campos questiona o processo de invisibilização de pesquisadores, instituições e produção do conhecimento que se situam fora de um determinado eixo hegemônico em termos de geopolítica acadêmica. As autoras questionam às narrativas mais correntes sobre a história das ciências sociais no Brasil, que atribuem ao eixo Rio-São Paulo preponderância no processo de institucionalização destas ciências, e de modo mais enfático apenas São Paulo. Elas destacam, assim, a clivagem regional estabelecida no processo de construção das hierarquias acadêmicas, propondo uma perspectiva mais plural da antropologia.

Carmen Rial em “Do ‘fica Robinho’ ao ‘Vai Neymar’ - notas sobre os estudos de futebol e de migração” apresenta seu próprio percurso como pesquisadora que tem se dedicado à temática da migração de jogadores de futebol brasileiros, indicando como tem se utilizado da chamada etnografia multi-situada. A autora se propõe a refletir de forma mais ampla sobre pesquisas que envolvam os deslocamentos atuais, indicando como a pesquisa sobre jogadores brasileiros no exterior abre novas possibilidades de análise, para além do que já vinha sendo feito tradicionalmente neste campo.

“Antropologia como cosmopolítica: globalizando a antropologia hoje” de Gustavo Lins Ribeiro reflete sobre as transformações mais amplas que a antropologia tem passado, resultado, dentre outros fatores, da própria expansão do sistema universitário. O autor desenvolve assim um questionamento em torno das “(...) estruturas de poder estabelecidas que impedem outras antropologias de entrar em uma conversa mais heteroglossa e horizontal.” (p. 112), apontando alguns desafios que se encontram para pensarmos uma antropologia realmente diversificada, e alguns caminhos para superá-las.

“Poder, pluralidade estratégica e hierarquização interna em antropologias nacionais” de Parry Scott também lança luz sobre a questão da pluralidade na antropologia, indicando que há um movimento na construção da ideia de pluralidade no âmbito da história da antropologia brasileira. O autor traz a tona ainda como que a CAPES adentra no processo de reprodução das hierarquias internas, mais que isso, Scott chama a atenção para as diversas formas de se pensar a pluralidade neste cenário, que se relaciona também ao modo como diversas estratégias passam a ser adotadas na relação entre centro e periferia, e também periferia e periferia.

Raymundo Heraldo Maués em “Estudos antropológicos sobre religião na Amazônia oriental: o caso do Pará” realiza um esforço de releitura da produção amazônica sobre religião, porém sem se propor a fazer uma revisão exaustiva da literatura na área. A partir de tal exercício o autor problematiza a invisibilização da produção amazônica, indicando

elementos que contribuem para tanto, o que inclui o processo de valorização das produções situadas nas áreas hegemônicas da antropologia nacional e internacional, além da falta de um olhar suficientemente crítico com os autores “de fora” e os “locais”.

O trabalho “O pentecostalismo muda o Brasil? Debate das ciências sociais brasileiras com a antropologia do cristianismo” de Cecília L. Mariz e Roberta B. C. Campos se volta para a produção mais ampla no campo da antropologia e sociologia da religião sobre pentecostalismo, indicando que prevalece uma leitura que aponta para uma continuidade cultural entre pentecostalismo e a cultura brasileira mais ampla. Isto, em grande medida, proviria da própria adoção da Igreja Universal do Reino de Deus como um modelo empírico de análise, deixando em um segundo plano o aspecto que eles pretendem destacar que são as rupturas entre o pentecostalismo e a cultura brasileira.

Hierarquias acadêmicas, visibilização e invisibilização de instituições e pesquisadores, relação entre centro e periferia são todas questões atuais na antropologia, que se apresentam de modo particular no Brasil, envoltas no próprio contexto no qual são forjadas. Uma antropologia plural inicia-se com a problematização de tais questões, considerando tanto os aspectos mais empíricos da disciplina, quanto os arranjos das relações de poder estabelecidas, por vezes naturalizados entre nós. A leitura desta coletânea, portanto, torna-se indispensável para todos aqueles que pretendem realizar uma análise sobre o campo atual da antropologia brasileira, bem como suas projeções de futuro.

REFERÊNCIAS

FELDMAN-BIANO, Bela. (Org.). *Desafios da Antropologia Brasileira*. Brasília: ABA, 2013.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

PEIRANO, Mariza. *The Anthropology of Anthropology: the brazilian case*. Doutorado. Tese em Antropologia. Cambridge: Harvard University, 1981.

RAMOS, Arthur. Grandes problemas da antropologia brasileira. *Mana*, v. 21, n. 1, p. 195-212, 2015 [1948].

RIBEIRO, Gustavo Lins; ESCOBAR, Arturo. *Antropologias Mundiais: transformações da disciplina em sistemas de poder*. Brasília: Editora Unb, 2012.

RUBIM, Christina. *Antropólogos Brasileiros e a Antropologia no Brasil: a era da pós-graduação*. Doutorado. Tese em Ciências Sociais. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1996.

TRAJANO FILHO, Wilson; RIBEIRO, Gustavo L. (Orgs.), *O Campo da Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Associação Brasileira de Antropologia, 2004.